

A FAMÍLIA E A AQUISIÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Juliane A. Hey Melo (Direito/UNIBRASIL)

Rosa Maria Alves Pedroso (Direito/UNIBRASIL)

RESUMO

O objetivo do presente artigo é analisar a importância do capital cultural e a sua aquisição por meio da incorporação dos valores transmitidos pela família. Partindo da premissa de que, em matéria de cultura legítima, os gostos não são dons da natureza e sim fruto da educação, aparece com destaque a importância do papel da família como a entidade que, por laços afetivos, conduz a descendência ao contacto com o conhecimento. A análise foi realizada marcadamente com apoio nas obras de Mario Vargas Llosa, T.S. Elliot, Bourdieu e Jessé de Souza e leva à conclusão de que desenvolver políticas públicas na forma de programas de apoio educacionais voltados à família é uma diretriz importante para a aquisição de cidadania.

Palavras-chave: Sociologia. Capital cultural. Família. Políticas públicas.

1 INTRODUÇÃO

O capital cultural constitui a bagagem intelectual, de estilo, gosto e comportamento que o indivíduo desenvolve e acumula ao longo de sua trajetória, apreendido sobremaneira no seio familiar, segundo os teóricos referidos nesse trabalho.

Para alguns autores, a cultura está em crise, em face de sua banalização, que ocasiona um "nivelamento por baixo".

Dessa constatação exsurge forte a certeza da importância da família, como aquela entidade que por laços afetivos conduz a descendência a beber e se regozijar na fonte do conhecimento, a tomar contacto tanto com o novo e com o conhecimento milenar, os valores concretos e perenes.

Verifica-se que a importância desse valor transmitido é o elo que faz a correspondência entre as obras consultadas e justifica a análise do tema: o reconhecimento do papel da família como o principal formador do capital intelectual.

A intenção desse artigo é tratar, ainda que de maneira incipiente, da participação da família na construção desse capital cultural, com apoio nas obras de Mario Vargas Llosa, T.S. Elliot, Bourdieu e Jessé de Souza.

Inicia-se com a reflexão de Vargas Llosa acerca da "civilização do espetáculo", constatação de que a cultura atualmente vem perdendo espaço para a diversão, correndo o sério risco de perder-se na superficialidade, defendendo a necessidade da manutenção de uma elite para preservação de uma cultura de minoria, destacando, ao lado de TS Elliot, o papel da família e sua vinculação com a transmissão de um patrimônio cultural.

Na sequência é trazido o pensamento de Bourdieu, para quem o capital cultural transmitido pela família constitui o grande diferencial no destino escolar de um indivíduo.

Em seguida, o tema é abordado a partir das ideias de Jessé de Souza, que denuncia o modo economicista de analisar a realidade cultural no Brasil e que também inclui a família como condição prévia para o sucesso individual.

Ao final, aponta-se a conclusão de que investir na família através de políticas públicas seja, talvez, o remédio mais eficiente para que o país alcance melhores índices de educação e com isso possa ser mitigada a desigualdade social brasileira.

2 A CIVILIZAÇÃO DO ESPETÁCULO OU A DECADÊNCIA DO PADRÃO CULTURAL

Mario Vargas Llosa, a quem se poderia chamar de "citoyen du monde" pela abrangência de sua obra intelectual, que perpassa tanto pela literatura como no jornalismo, na crítica literária e na militância política, traz no ensaio que publicou recentemente, em 2012, uma constatação que poderia se considerar pessimista e desoladora, mas que bem retrata a contemporaneidade, a de que "a cultura está atravessando uma crise profunda e entrou em decadência".¹

O que Llosa denomina de civilização do espetáculo "é a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal." ²

Segundo menciona no ensaio, atribuir valor demasiado à diversão tem consequências: a banalização da cultura, a frivolidade, a generalização. A cultura passa a ser entendida como maneira agradável de passar o tempo.

¹ LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.12

² *Ibidem*, p.29-30.

Recorrendo a T.S.Elliot, em "*Notas para uma Definição de Cultura*" – que também via com desencanto essa decadência e previa chegar um tempo em que nos veríamos desprovidos de cultura – Vargas Llosa traz do autor a concepção de modelo cultural ideal, estruturada em três instâncias – indivíduo, grupo ou elite e sociedade em seu conjunto – considerando que não obstante fossem possíveis intercâmbios entre as três, cada qual deteria sua autonomia e se manteria em constante confronto com as outras, dentro de uma ordem pela qual o conjunto social realizaria progressos e se manteria unido.³

Para Vargas Llosa e Elliot, a alta cultura seria patrimônio de uma elite. Essa condição, na visão de ambos, deveria assim permanecer por ser essencial para a preservação da qualidade da cultura de minoria.⁴

Essa elite seria pautada "pelo esforço, talento, obra realizada, com autoridade moral para estabelecer, de forma flexível e renovável, uma ordem de prioridades e importância de valores tanto no espaço próprio das artes quanto nas ciências e nas técnicas"⁵.

Nesse contexto, Llosa considera equivocada a idéia de que a alta cultura possa ser estendida a toda sociedade, por intermédio da educação. Esta, segundo ele, seria uma utopia que poderia ocasionar a destruição da cultura, pois a democratização poderia empobrecê-la e torná-la superficial.⁶

Em relação ao papel da família na construção da cultura, Elliot afirma ser esta a responsável pela sua transmissão, sendo que quando há decadência ou degeneração dessa instituição, a consequência é desastrosa: " Mas o canal mais importante de transmissão de cultura permanece, de longe, a família; e, quando a vida familiar deixa de cumprir seu papel, deveremos esperar que nossa cultura se deteriore."⁷.

³ LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.12.

⁴ *Idem*.

"Tal como a elite, a classe social é uma realidade que deve ser mantida, pois nela se recruta e forma a casta ou grupo que garante a alta cultura, elite que em caso algum deve identificar-se totalmente com a classe privilegiada ou aristocrática da qual seus membros procedem em maior número. Cada classe tem a cultura que produz e que lhe convém, e, embora entre elas naturalmente haja coexistência, também há diferenças marcantes relacionadas com a condição econômica de cada uma. Não se pode conceber uma cultura idêntica da aristocracia e do campesinato, por exemplo, embora ambas as classes compartilhem muitas coisas, como religião e a língua" (*Ibidem*, p.13).

⁵ *Ibidem*, p.66.

⁶ *Ibidem*, p.13.

⁷ ELLIOT, T.S. **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.p.59

Elliot, mais uma vez citado por Llosa, adverte que cultura não deve ser confundida com conhecimento. " Cultura não é apenas a soma de diversas atividades, mas um estilo de vida"⁸, ou seja, conforme arremata Llosa: "uma maneira de ser em que as formas têm tanta importância quanto o conteúdo. O conhecimento tem a ver com a evolução da técnica e das ciências; a cultura é algo anterior ao conhecimento, uma propensão do espírito, uma sensibilidade e um cultivo da forma, que dá sentido e orientação aos conhecimentos"⁹.

Para Elliot, segundo o autor peruano, "a cultura antecede e sustenta o conhecimento, orienta-o e confere-lhe uma funcionalidade precisa, algo assim como um desígnio moral."¹⁰

Essa propensão do espírito, sem dúvida, é forjada no meio familiar.

Sobre o papel da família trazemos, na sequência, o pensamento de Bourdieu, que tem como suporte pesquisas de campo empreendidas pelo próprio sociólogo.

3 O CAPITAL CULTURAL E A FAMÍLIA

Bourdieu contesta a afirmativa de que, em matéria de cultura legítima, os gostos são considerados dom da natureza, pois o estudo científico que empreendeu já haveria demonstrado que as necessidades culturais são fruto da educação.¹¹

Sustenta, com base na pesquisa realizada, que a frequência da ida a museus, concertos, exposições culturais, "as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social"¹².

Nesse compasso, destaca o peso da educação familiar ao lado da educação escolar, afirmando que esta última dependeria estreitamente, em eficácia e duração, da origem social.

⁸ ELLIOT, T. S. *apud* LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.14

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Ibidem*, p.65.

¹¹ O estudo referido provém de uma pesquisa empreendida em 1963 e em 1967-1968, realizada por questionário, a partir de uma amostra de 1.217 pessoas, cujos resultados constam no Anexo I (algumas reflexões sobre o método) do livro *A Distinção*.

¹² BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008. p.9.

Sobre esse tema, afirma que

A ideologia do gosto natural opõe, através de duas modalidades da competência cultural e de sua utilização, dois modos de aquisição da cultura: o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a pequena infância no seio da família e prolongado pela aprendizagem escolar que pressupõe e o completa, distingue-se do aprendizado tardio, metódico e acelerado, não tanto – conforme apresenta a ideologia do "verniz" cultural – pela profundidade e durabilidade de seus efeitos, mas pela modalidade da relação com a linguagem e a cultura que ele tende a inculcar como suplemento. Ele confere a certeza de si, correlata da certeza de deter a legitimidade cultural e a abundância, a qual serve para identificar a excelência: ele produz a relação paradoxal, feita de certeza na ignorância (relativa) e de desenvoltura na familiaridade que os burgueses da velha cepa mantêm com a cultura, espécie de bem de família, do qual eles se sentem os legítimos herdeiros: a música não são os discos e a eletrola dos vinte anos, graças aos quais descobrimos Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência; a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar.¹³

Destaca, que as formas de aquisição da cultura permanecem conforme a maneira de sua utilização, assim como as classes de indivíduos que elas caracterizam. Designa como nobreza cultural,

o pretexto para uma luta que, desde o século XVII até nossos dias, não deixou de opor, de maneira mais ou menos declarada, grupos separados em sua ideia sobre a cultura, sobre a relação legítima com a cultura e com as obras de arte, portanto, sobre as condições de aquisição, cujo produto é precisamente estas disposições: a definição dominante do modo de apropriação legítima da cultura e da obra de arte favorece, inclusive, no campo escolar, aqueles que, bem cedo, tiveram acesso à cultura legítima, em uma família culta, fora das disciplinas escolares; de fato, ela desvaloriza o saber e a interpretação erudita, marcada como "escolar", até mesmo, "pedante", em proveito da experiência direta e do simples deleite.¹⁴

Daí decorre, segundo o Autor, que a "obra de arte só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada". Ou seja, é pela aquisição cultural, pela percepção consciente ou não da apreciação é que se pode reconhecer os estilos.

Conclui, que

o encontro com a obra de arte nada tem a ver, em conformidade com a visão habitualmente adotada, com um pretense amor à primeira vista; além disso, o ato de fusão afetiva, de *Einfühlung*, que dá o prazer do amor pela arte, pressupõe um ato de conhecimento, uma operação de decifração e decodificação, que implica o acionamento de um patrimônio cognitivo e de uma competência cultural.

¹³ BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008. p.65.

¹⁴ *Ibidem*, p.10.

Assim, considera que a aquisição pela familiarização, levada a efeito no âmbito da família tende a favorecer uma "experiência encantada da cultura", que independe de instrumentos de apropriação.

Para Bourdieu, o capital cultural constitui, portanto, o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. Seria uma espécie de rentabilização pedagógica, na medida em que a posse do capital cultural favorece o desempenho escolar, facilitando a aprendizagem de conteúdos e códigos que a escola veicula e

Bourdieu critica a análise dos economistas (G.S. BECKER, *Human Capital*, Nova York, Columbia University Press, 1964) sobre os investimentos em educação, por não considerarem o capital cultural herdado:

Além disso, deixando de colocar as estratégias de investimento escolar no conjunto das estratégias educativas e no sistema de estratégias de reprodução, sujeitam-se a deixar escapar, por um paradoxo necessário, o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos, a saber, a *transmissão doméstica do capital cultural*. Suas interrogações sobre a relação entre a "aptidão" (*ability*) para os estudos e o investimento nos estudos provam que eles ignoram que a "aptidão" ou o "dom" são também produtos de um investimento em tempo e em capital cultural (*Id.*, p. 63-66). Compreende-se, então, que, em se tratando de avaliar os benefícios do investimento escolar, só lhes resta se interrogar sobre a rentabilidade das despesas com educação para a "sociedade" em seu conjunto (*social rate of return*; p. 121) ou sobre a contribuição que a educação traz à "produtividade nacional" (*the social gain of education as measured by its effects on national productivity*; *Id.*, p. 155). Essa definição tipicamente funcionalista das funções da educação, que ignora a contribuição que o sistema de ensino traz à reprodução da estrutura social, sancionando a transmissão hereditária do capital cultural, encontra-se, de fato, implicada, desde a origem, numa definição do "capital humano" que, apesar de suas conotações "humanistas", não escapa ao economicismo e ignora, dentre outras coisas, que o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social também herdado - que pode ser colocado a seu serviço.¹⁵

De acordo com o sociólogo francês, o capital cultural pode ser encontrado em três estados, quais seriam:

1. Estado incorporado: seria o capital cultivado, o investimento pessoal, que "apresenta um grau de dissimulação mais elevado do que o capital econômico, e, por esse fato, está mais predisposto a funcionar como

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 2.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1999. p.71-79. Disponível em: <republicavirtual.pbworks.com/f/capitulo+lv+bourdieu.doc>. Acesso em: 25 set. 2014.

capital simbólico, ou seja, desconhecido e reconhecido."¹⁶ Considera que o tempo livre proporcionado pela família, sem que o indivíduo tenha que se dedicar a atividade econômica para prover o sustento é fator positivo na aquisição de cultura.

Mas é, sem dúvida, na própria lógica da transmissão do capital cultural que reside o princípio mais poderoso da eficácia ideológica dessa espécie de capital. Sabe-se, por um lado, que a apropriação do capital cultural objetivado – portanto, o tempo necessário para realizá-la - depende, principalmente, do capital cultural incorporado pelo conjunto da família por intermédio, entre outras coisas, do efeito Arrow generalizado e de todas as formas de transmissão implícita. Sabe-se, por outro lado, que a acumulação inicial do capital cultural - condição da acumulação rápida e fácil de toda espécie de capital cultural útil - só começa *desde a origem*, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; nesse caso, o tempo de acumulação engloba a *totalidade* do tempo de socialização. Segue-se que a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a forma mais dissimulada da transmissão hereditária do capital; por isso, no sistema das estratégias de reprodução, recebe um peso tanto maior quanto mais as formas diretas e visíveis de transmissão tendem a ser mais fortemente censuradas e controladas.¹⁷

2. Estado objetivado: apropriado e transmissível como bem material (coleção de quadros, por exemplo), pode se tornar capital econômico ou na sua forma simbólica, como capital cultural.

O capital cultural no estado objetivado apresenta-se com todas as aparências de um universo autônomo e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas próprias leis, transcendentais às vontades individuais, e que - como bem mostra o exemplo da língua permanece irredutível, por isso mesmo, àquilo que cada agente ou mesmo o conjunto dos agentes pode se apropriar (ou seja, ao capital cultural incorporado). É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado.¹⁸

3. Estado institucionalizado: é o capital cultural aferido, o grau de instrução medido no indivíduo.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. Os tres estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2010. p.75.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 2.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1999. p.71-79. Disponível em: <republicavirtual.pbworks.com/f/capitulo+lv+bourdieu.doc>. Acesso em: 25 set. 2014.

¹⁸ *Idem*.

Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho - o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. Pelo fato de que os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, dependem também de sua raridade, pode ocorrer que os investimentos (em tempo e esforços) sejam menos rentáveis do que se previa no momento em que eles foram realizados (com a modificação, de *facto*, da taxa de convertibilidade entre capital escolar e capital econômico). As estratégias de reconversão do capital econômico em capital cultural, que estão entre os fatores conjunturais da explosão escolar e da inflação de diplomas, são comandadas pelas transformações da estrutura das oportunidades de lucro asseguradas pelas diferentes.

Com efeito, a família é responsável pela transmissão de valores, crenças, causando grande influência no comportamento dos indivíduos, de ver o mundo e estabelecer relações sociais.

"Como primeira mediadora entre homens e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva."¹⁹

Dessen e Polonia destacam que através das interações familiares que ocorrem as transformações nas sociedades que influenciarão as futuras relações familiares, constituindo fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa.

"[...] as figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da auto estima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social"²⁰

Bourdieu, segundo Nogueira e Nogueira²¹, na "Sociologia da Educação", defende que os alunos, na escola, não competem em condições igualitárias na escola, mas trazem incorporada uma bagagem social e cultural diferenciada, aportada pela família.

¹⁹ DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Disponível em: <www.scielo.br/paideia>. Acesso em: 25 set. 2014. p.2.

²⁰ *Ibidem*, p.4.

²¹ NOGUEIRA, Claudio; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 25 set 2014. p.18.

"O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular -, mas por sua origem social, que se colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares."²²

Assim, os indivíduos, segundo Bourdieu, incorporariam um *habitus* familiar ou de classe, que passaria a conduzi-los ao longo do vida e nos mais variados ambientes. A herança familiar incorporaria no capital cultural do indivíduo uma "cultura geral", ou seja, gosto pela arte, culinária, decoração, vestuário, esportes, domínio da língua culta, entre outros.

A Sociologia da Educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares. Em primeiro lugar, a posse de capital cultural favorecerá o desempenho escolar na medida em que facilitará a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitarão o aprendizado escolar na medida em que funcionarão como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, será uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significará algo estranho, distante, ou mesmo ameaçador. A posse de capital cultural favorecerá o êxito escolar, em segundo lugar, porque propiciará um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação. Bourdieu observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da "boa educação". Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores.²³

Jessé de Souza, em sua obra "Ralé Brasileira" ao se referir à desigualdade social brasileira e a violência simbólica que torna invisível os mais desfavorecidos social e culturalmente, critica o modo economista de analisar a realidade, que legitima a desigualdade no Brasil e reconhece que a questão familiar, mais que a visão econômica, é fator decisivo na competição social.

É esse mesmo raciocínio economista que abstrai sistematicamente os indivíduos de seu contexto social, que também transforma a escola, pensada abstratamente e fora de seu

²² NOGUEIRA, Claudio; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 25 set 2014. p.18.

²³ NOGUEIRA, Claudio; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 25 set 2014. p. 21.

contexto, em remédio para todos os males de nossa desigualdade. Na realidade, a escola, pensada isoladamente e em abstrato, vai apenas legitimar, com o 'carimbo do Estado' e anuência de toda sociedade, todo o processo social opaco de produção de indivíduos 'nascidos para o sucesso', de um lado, e dos indivíduos 'nascidos para o fracasso' de outro. Afinal, o processo de competição social não começa na escola, como pensa o economicismo, mas já está, em grande parte, pré decidido na socialização familiar pré-escolar produzida por 'culturas de classe' distintas.²⁴

Segundo Jessé, portanto, existem precondições para o sucesso individual, sendo a família uma delas.

O que o mercado, o Estado, uma 'ciência' e um senso comum dominantes – mas dominados por uma perspectiva conservadora acrítica e quantitativa – nunca 'dizem' é que existem precondições 'sociais' para o sucesso supostamente 'individual'. O que todos escondem é que não existe o 'talento inato' o mérito 'individual' independentemente o 'bilhete premiado' de ter nascido na família certa, ou melhor, na classe social certa. O indivíduo privilegiado por um aparente talento nato é, na verdade, produto de capacidades e habilidades transmitidas de pais para filhos por mecanismos de identificação afetiva por meio de exemplos cotidianos, assegurando a reprodução de classe indefinidamente no tempo. Disciplina, capacidade de concentração, pensamento prospectivo (que enseja o cálculo e a percepção da vida como um afazer 'racional') são capacidade e habilidades da classe média e alta que possibilitam primeiro o sucesso escolar de seus filhos e depois o sucesso deles no mercado de trabalho. O que vai ser chamado de 'mérito individual' mais tarde e legitimar todo tipo de privilegio não é um milagre que 'cai do céu', mas é produzido por heranças afetivas de de 'culturas de classe' distintas, passadas de pais para filhos. A ignorância, ingênua ou dolosa, desse fato fundamental é a causa de todas as ilusões do debate público brasileiro sobre a desigualdade e suas causas e as formas de combatê-la.²⁵

Jessé de Souza define capital cultural como sendo

[...] um conceito da sociologia de Pierre Bourdieu. Não são apenas os títulos escolares, mas também todos os pressupostos afetivos e emocionais que permitem que possamos "aprender" alguma coisa. Esse ponto é o mais fundamental porque não refletimos nunca sobre isso e imaginamos sempre que as pessoas de todas as classes possuem os mesmos pressupostos. Imaginamos uma espécie de ser humano universal com capacidades e habilidades comuns. Isso não é verdade. Um bom exemplo que mostra esse engano é a "capacidade de concentração". Em nossas pesquisas, os mais pobres entre nós tinham escola, mas fitavam a lousa horas a fio "sem compreender e sem aprender" o que estava sendo dito. É que capacidade de concentração não é um dado natural, como imaginamos, assim como ter dois braços e duas pernas, mas é um "capital" (cultural, no caso) aprendido e incorporado, por algumas classes, que tiveram os estímulos adequados na socialização familiar. Só que ele é decisivo para o sucesso escolar e depois no mercado de trabalho. Ou seja, ajuda a pré-decidir o que chamamos de "sucesso na vida".²⁶

²⁴ SOUZA, Jessé de. **A ralé brasileira**. Brasília: Editora UNB, 2012. p.22.

²⁵ *Ibidem*, p.22 -23.

²⁶ SOUZA, JESSÉ. Sem cultura, não há ascensão social. **Gazeta do Povo**, 01 jun. 2013. Entrevista concedida a Cristiano Castilho. Disponível em

Souza em outra obra, "Batalhadores Brasileiros", retoma o tema da desigualdade e da visão economicista de classe social, afirmando que a nova classe ascendente (dita classe C), dos chamados "batalhadores", por ter pouco volume de capital cultural, não pode ser considerada a nova classe média, como muitos supõem. Como já se mencionou, o capital cultural, se incorporado desde o berço, permite melhor formação profissional e o acesso a melhores postos de trabalho.

Assim, considera que mesmo o impacto social e econômico do Programa Bolsa Família, que ocasionou a queda do trabalho infantil, aumentou a taxa de escolaridade e a renda média, diminuindo a taxa de pobreza absoluta, não é suficiente para combater a desigualdade.

Como Bourdieu, cujo trabalho é um de seus referenciais teóricos, entende que o capital cultural herdado é o diferencial para se aceder a uma classe mais privilegiada, capital cultural que a família, em grande proporção, é capaz de assegurar. Diferenciando a classe média da classe dos "batalhadores", pondera que:

Na classe média a cegueira da visão redutoramente economicista do mundo é ainda mais visível. Essa classe social, ao contrário da classe alta, se reproduz pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das condições que irão permitir aos filhos dessa classe competir, com chances de sucesso, na aquisição e reprodução de capital cultural. O filho ou filha da classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo um romance, o tio falando inglês fluente, o irmão mais velho ensinando os segredos do computador brincando com jogos. O processo de identificação afetiva – imitar aquilo ou a quem se ama – se dá de modo 'natural' e 'pré-reflexivo', sem a mediação da consciência, como quem respira ou anda, e é isso que o torna tanto invisível quanto extremamente eficaz como legitimação do privilégio. Apesar de invisível, esse processo de identificação emocional e afetiva já envolve uma extraordinária vantagem na competição social, seja na escola, seja no mercado de trabalho, em relação às classes desfavorecidas. Afinal, tanto a escola quanto o mercado de trabalho irão pressupor a 'in-corporação' (literalmente 'tomar corpo', ou seja, natural e automático) das mesmas disposições para o aprendizado e para a concentração e disciplina que são 'aprendidos', pelos filhos dessas classes privilegiadas, ainda que com grande esforço, por identificação afetiva com os pais e seu círculo social.²⁷

Em pesquisa sobre a trajetória escolar e capital cultural, afirma Igor Mendes²⁸, que o desempenho escolar, na relação entre recursos familiares e a melhora no desempenho escolar dos alunos de escolas brasileiras não significa

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1378017&tit=sem-cultura-nao-ha-ascensao-social>>. Acesso em: 29 set. 2014.

²⁷ SOUZA, Jessé de. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.24

²⁸ MENDES, Igor. **Trajetórias educacionais, capital cultural e herança familiar.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2012. p.48.

melhora do sistema público de educação, mas guarda relação com a melhora da situação das famílias no que concerne aos recursos disponíveis para a educação dos filhos.

Menciona que os recursos disponíveis são os chamados de Recursos Familiares, definidos como "os recursos materiais e não materiais provenientes da família, os quais influenciam na qualidade do aprendizado e nas oportunidades de progressão escolar."²⁹

Da mesma forma, relatório apresentado no Seminário de Economia de Belo Horizonte, em 2011,³⁰ acerca dos fatores determinantes do desempenho escolar do Brasil, elaborado com dados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) para examinar o desempenho dos alunos da 4.^a e 8.^a séries do ensino fundamental e da 3.^a série do ensino médio, nos testes de proficiência em Matemática, concluiu que a família ocupa posição de suma importância na aquisição do capital cultural:

Entre as variáveis do aluno, entre as mais importantes está a escolaridade da mãe. Segundo os resultados da tabela, ter uma mãe com ensino superior aumenta em cerca de 3 pontos o desempenho na 4.^a série, em 9 pontos na 8.^a e 6 pontos no ensino médio. Mas um fato interessante é que a escolaridade média das mães de todos os alunos da sua escola tem um impacto maior sobre a nota dos alunos do que a escolaridade da sua própria mãe. Os resultados indicam que se todas as mães da escola tivessem nível superior, o acréscimo de nota seria de 9 pontos na 4.^a, 30 pontos na 8.^a e 85 pontos no ensino médio, ou seja, um aumento de quase 40% na média neste último caso. Existem várias explicações para este resultado. Pode ser que mães mais escolarizadas aumentem a pressão sobre a escola para melhorar a qualidade do ensino, ou que o professor tenha mais facilidade de transmitir conhecimento e motivação para ensinar numa classe com melhor background familiar, ou ainda que os alunos com mais dificuldades sintam-se estimulados pela presença de alunos mais capazes. São necessárias mais pesquisas para esclarecer os motivos por trás deste efeito....[...]... Outras variáveis a nível do aluno tiveram os efeitos que poderiam ser esperados à priori. Por exemplo, alunos que moram com os pais (ou com pelo menos um deles) têm um desempenho melhor; os que trabalham dentro de casa mais do que 4hs têm um desempenho pior; os que lêem livros ou jornais tendem a ter um desempenho melhor e aqueles que trabalham fora de casa têm um desempenho pior. Ter um ou mais computadores e mais de 20 livros em casa melhora o aprendizado, assim como ter eletricidade e morar em famílias pequenas (com até 5 pessoas no total)...[...]...por fim, as figuras 14 a 16 simulam o efeito de cada grupo de variáveis sobre o desempenho do aluno. A figura 14 mostra que o aluno nas piores condições possíveis em termos de família, escola, U.F. de residência, etc., teria uma proficiência igual de 87 pontos. Se este aluno tivesse todas as condições familiares descritas na tabela de regressão acima favoráveis,

²⁹ *Idem*

³⁰ O Seminário de Economia de Belo Horizonte (SEBH), realizado anualmente, no mês de setembro, tem por objetivo estimular a interação de pesquisadores interessados em teoria econômica, com atuação profissional em instituições de ensino superior e pesquisa sediadas em Belo Horizonte, tanto entre si como com pesquisadores de reconhecida competência na área, vinculados a instituições de outros estados e do exterior.

sua proficiência aumentaria em 85 pontos, praticamente dobrando...[...]... Por fim, se todas as mães de seus colegas tivessem nível superior sua nota aumentaria em 13 pontos.³¹

4 CONCLUSÃO

Da leitura dos autores aqui trazidos não se pode deixar de constatar a importância da família como indutora e formadora do capital cultural do indivíduo, que ao longo da vida se tornará o grande diferencial em seu caminho social e profissional.

Embora seja uma condição de extrema importância mas não muito visível, conforme destacou Jessé de Souza, ao ponto de ser muitas vezes desconsiderada, entende-se que o seu relevo demanda maior atenção das autoridades governamentais quando da criação de políticas públicas sociais e educacionais.

Desenvolver programas de apoio e educacionais voltados à família, incentivando a permanência das mães no lar, ao menos na primeira infância da prole, talvez fosse uma alternativa mais eficiente e mais econômica na formação de cidadãos com melhores chances na vida de acederem a uma vida digna.

Talvez pudéssemos dispor de menos creches e dar mais apoio às famílias.

Sobretudo, porque deveria ser direito de todos, conforme acreditava T.S.Elliot, de acordo com Vargas Llosa, compreender que cultura "é tudo que faz da vida algo digno de ser vivido" e assim dela usufruir como " uma bússula, um guia que possibilita aos seres humanos orientar-se no denso cipoal dos conhecimentos sem perder a direção e tendo, em sua incessante trajetória maior ou menor clareza sobre prioridades, diferença entre o que é importante e o que não é, entre o caminho principal e os desvios inúteis. "³²

³¹ MENEZES-FILHO, Naercio. **Os determinantes do desempenho escolar do Brasil**. Sumário Executivo, Instituto Futuro Brasil, Ibmec-SP e FEA-USP. Disponível em: <www.sebh.ecn.br/seminario_4/arquivo1.pdf>. Acesso em: 25 set. 2014.

³² LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.63.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 2.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1999. p.71-79. Disponível em: <republicavirtual.pbworks.com/f/capitulo+lv+bourdieu.doc>. Acesso em: 25 set. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Os tres estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2010. p.71-80.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Disponível em: <www.scielo.br/paideia>. Acesso em: 25 set. 2014.
- ELLIOT, T.S. **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MENDES, Igor. **Trajetórias educacionais, capital cultural e herança familiar**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- MENEZES-FILHO, Naercio. **Os determinantes do desempenho escolar do Brasil**. Sumário Executivo, Instituto Futuro Brasil, Ibmecc-SP e FEA-USP. Disponível em: <www.sebh.ecn.br/seminario_4/arquivo1.pdf>. Acesso em: 25 set. 2014.
- NOGUEIRA, Claudio; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>. Acesso em: 25 set 2014.
- SOUZA, Jessé de. **A ralé brasileira**. Brasília: Editora UNB, 2012.
- SOUZA, Jessé de. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SOUZA, Jessé. Sem cultura, não há ascensão social. **Gazeta do Povo**, 01 jun. 2013. Entrevista concedida a Cristiano Castilho. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1378017&tit=s-em-cultura-nao-ha-ascensao-social>. Acesso em: 29 set. 2014.